



Leandr Gomes de Barros

OS HOMENS DA MANDIOCA

Debate de Josué Romano com
Amaro Coqueiro ; do Piauhy

Tip. da "POPULAR EDITORA"

Os homens da mandioca

Diz o matuto na praça
A quadra agora me tóca
O commercio e a industria
S'tão soletrando pipóca
Minh'alma está no feijão
A vida na mandioca.

Para meu consumo
Basta macacheira
Com gomma e crueira
Já ve que me arrumo.
A canna e o fumo
Formam uma grugêta
No fim da colheta
Levanta banana
A fome se damna
Eu encho a gaveta.

Se a secca for em progresso
E farinha não baixar
Se o Rio Grande do Sul
Não tiver o que exportar
Estou com a faca e o queijo
Posso comer de vagar.

Mas s'tou com ciúme
E' do Rio Grande
Que de lá não mande
Barcos de ligume
Elle tem costume
De fazer buraco
O Norte está fraco
O povo morrendo
Tudo está comendo
Farinha de barco.

Mas se santa Catharina
Rio Grande e Paraná
Tiverem seca também
Que não mande nada cá
Eu erguerei minha frente
E digo: tenha mão lá!

Farinha subindo
Batata levanta
O povo se espanta
Eu fico me rindo
Digo: *venha vindo!*
Para mim e os meus,
Cuide la nos seus
Que a vida hoje é rara
Farinha bem cara
Mandai! Mai de Deus!

Ha uns dez annos passados
la vender-se farinha
Disia o povo da praça
Compro se for baratinha
Porque farinha de roça
Só para porco e gallinha.

Já estamos vendo
Farinha de barco
Dez mil reis um sacco
Vem até fedendo
Porém^o estão veudendo
E o povo a come
Não chamam-lhe nome
Nem choram o dinheiro
Pois não ha tempeiro
Igualmente á fome

O povo antes da crise
Mulher só vestia seda
Porco não devia ser
Pelado na labareda.
Todo feijão encruava
Toda farinha era aseda

Hoje no mercado
O povo se junta
E ninguem pergunta

Per feijão torrado
Nem se está furado
Ou se estará são
Diz ao vedelhão
Com a calma immensa
Você me dispensa
Em cuia um tustão?

E' este o tempo que serve
Para o pobre do matuto
Que passou 3, 4 annos
Sem dar sahida ao producto
Comendo fava sem sal
E cará sem está enchuto.

Levava a farinha
Porem não vendia
O povo disia
Que aquillo era tinha
Voltava a tardinha
Que só um cigano
Com tal desengano
Sem carne e nem peixe
Uma mão no feixe
E a outra no canno.

Agora chega na feira
Uma carga de fatinha

Vem dẽz, logo encontrar ella
Cada qual diz: esta é minha
Não ha quem ponha defeito
Nem diga mais que ella é tinha.

O rico hoje diz
Não ha mais quem viva
Sem plantar maniva
Em nosso Paiz
E chamna feliz
Ao povo do matto
E como de fato
Por lá não ha fome
O matuto come
Tudo que é barato.

Hoje só pode viver
O governo e o roceiro
Isto é bem entendido
Da roça, o mandioqueiro
O pobre trabalhador
Está com o mesmo desespeiro.

Feijão a crusado
Isso é uma joia
N'um litro pinoia
E este roubado
E vem bariado

Para ninguem ver
Não aparecer
O que n'elle encerra
A metade é terra
Quando se escolher.

O camarada que vai
Com dinheirinho enforcado
Chega na venda e se encontra
Com feijão o litro a crusado
Não só vem com muita terra
Como o litro inda é roubado.

O leitor entenda
Quem está desgraçado
Ganhou um crusado
Foi com elle a venda
Nesta crise horrenda
O que nisto encerra?
A fome e a guerra
Tiram-lhe a razão
Num litro de feijão
A metade è terra.

Para comprar assim mesmo
Inda precisa de rogo
Porque diz o vendelhão
A boca é quem faz o jogo

Ô barcão è a caldeira
A carestia è o fogo.

São taes as respostas
Que elles dão alli:
Diz um, não nasci
Com ninguem nas costas
Nem que o corte em postas
Nada tenho a ver
Todo pareceer
Não dou e n'em tomo
Carne que eu não como
Pode apodrecer.

Mas o vendelhão diz isso
E' ao pobre jornaleiro
Porém sahindo da venda
Autorisa ao seu cacheiro
Que use muita prudencia
Se chegar um mandioqueiro.

Mande-o se sentar
Veja o que elle quer
O que elle quiser
Pode despachar
Deixe elle tirar
A satisfação
Não faça questão

Elle tem dinheiro
Um mandioqueiro
E' mais que um barão.

Eu vendo a quem tiver roça
A quantia que quiser
Empresto até minha sogra
Só não lhe vendo a mulher
Fora della venderei
Todo objecto qualquer.

Quero muito bem
Ao velho dinheiro
E o mandioqueiro
Hoje é quem o tem
E não me convem
Que a crise me asanhe
E nem que me apanhe
Vexame qualquer
Que tem que a mulher
Fique sem a mãe?

Os nossos antepassados
Tinham ditados tão certos
Com bem, elles diriam
O mundo é do mais esperto
Devido a isso o coelho
Dorme com os olhos abertos

Eu só faço agrado
Se vir o dinheiro
Ao mandioqueiro
Que for arranchado
Quem for desgraçado
Que desate a rêde
Nem numa parede
Se alguém o pintar
Pode se acabar
A fome e a sede.

Porém ao mandioqueiro?
Esse não: que tem farinha
Feijão, batata, cará,
Tem bóde, porco e gallinha
Para fazer dez mil reis
Basta-lhe uma bacorinha

Debato de Josué Romano com Amaro
Coqueiro--do Piauhy

Amaro—Senhor Josué Romano
Eu sou Amaro Coqueiro
Vim do Piauhy aqui
Cantar com o cavallei o
Me disseram que o amigo
Assombrou o mundo inteiro.

Josué—Eu não assombro ninguém
Isso é o povo que diz
Sou como outro qualquer
Tal profissão nunca quiz
Se o collega não for duro
Queira Deus seja feliz

Amaro—Josué eu sou coqueiro
Onde alguém nunca subiu
E as palhas de meu olho
Nem urubû nunca viu
Uma aguia quiz ir lá
Antes de chegar cahiu.

J.—Coqueiro eu nunca encontrei
Um pau que não derribasse
E nem coqueiro por alto
Que nelle eu não me trepasse
Não lhe metesse o facão
E os cocos não lhe tirasse.

Coqueiro—O Lopes do Paraguay
Confiou na valentia
Commêtu guerra ao Brazil
Julgou vencel-o n'um dia
Porém sahiu ao contrario
Tudo quanto elle queria.

J.—Meu pae cantou 30 an'os
Nunca achou quem o vencesse
Lá da estaria orelhudo
Se a dez annos não morresse
Eu sigo o mesmo caminho
Meu destino é tambem esse.

C.—Quando o collega encontrar
Frio que o faça tremer
Pena que o faça chorar
E dor que o faça gèmer
Vera tambem que seu pai
Qualquer um podia o vencer.

J. — Coqueiro meu braço é forte
Alem de forte é pesado
Alem de pesado é grande
Alem de grande é cravado
Que ninguem pode torcel-o
Ainda destemperado.

C. — Josué eu nunca achei
Um ferro que eu não quebrasse
Braço que não torcesse
Aço que eu não virasse
Nem quem cantasse commigo
Que depois não se queixasse.

J. — Tambem vcçe nunca viu
Cantador parahybano
Juro que nunca cantou
Com parente de Romano
Se já tivesse cantado
Não estava mais nesse engano.

C. — Eu já cantei com Patricio
Um bravo do Pageú
Fiz esse negro subir
Onde não vae urubù
O negro vinha vestido
Mas quando voltou foi nú.

J. — Eu tambem fui ao Bezerra
Lá de sua capital
Quando foi a meia noite
Elle fez pelo signal
Se ajoelhou aos meus pés
E confessou que ia mal.

C. Mas o collega não pence
Que faz o mesmo commigo
Se pensar venha com geito
Olhe que encont a perigo
Eu sou o melhor collega
E o peor inimigo

J. — Não ha gato que me arranhe
Nem onça que me tocalhe
Nem bravo que parta a mim
Nem distração que me empalhe
E nem duro que me vença
E nem cousa que me encalhe.

C. — Josué, isso é engano
E' fraco e pouco pensar
Juro que se voce vir
Coqueiro se balançar
Só com o rumor das palhas
Voce deixa de cantar.

J.—Coqueiro! eu nunca temi
Nem onça na emboscada
Não levo corisco em conta
Nem noite de trovoada
Meu pae tambem era assim
Não tinha medo de nada.

C.—Josué em minha praia
Valentão morre e não vae
Eu tenho em minhas raizes
Magnitismo que atrae
Em minha aste soberba
Qualquer um que subir cae.

J.—Coqueiro eu tenho uma fouce
Que um ferreiro me ofertou
Vulcano bateu o ferro
Tubalcaim moldiou
Minerva deu parecer
E Salomão caldiou.

C.—Sua fouce para mim
Não faz a primeira entalha
Faz logo 2 ou 3 dentes
Emperra e pega abrir falha
E fica d'ahi por diante
Que não corta mais nem palha.

J.—Coqueiro não admiro
Essa sua pabulagem
Voce tem toda razão
Para contar-me vantagem
Mas voce querer vencer-me
E' que lhe acho coragem.

C.—Josué eu nunca vi
Cantador como voce
Não é por adulação
Porem não ha quem lhe dê
Eu digo com consciencia
E vou lhe explicar porque.

Suas respostas são duras
Seu repente é muito certo
Quem vier contra voce
Veja que a queda está perto
E' botar bainha em fouce
Ou ir pregar no deserto.

J.—Coqueiro qualquer cantor
Pode cantar como eu
Porem, fazer eu calar-me
Esse nunca apareceu
Meu pae tambem era assim
Nunca nenhum o venceu.

C.—Senhor Josué lhe pesso
Que cante mais um bocado
Eu quero o apreciar
Cante que fico callado
Vou contar no Piauhy
Tudo que aqui tem se dado.

J.—Coqueiro eu tenho encontrado
Talento de fazer medo
Sujeito que o ronco delle
Abala qualquer rochedo
Porem cantar em 6 linhas
Não é pequeno brinqueno.

Já encontrei um rapaz
Que fugio do seminario
Já tinha aberto até crôa
Eu julguei ser um vigario
Meteu-se a cantar commigo
Quando sahiu estava vario

Eu lhe disse seu vigario
Aqui temos disciplina
Cantar assim não é nada
Porem a sciencia ensina
Eu não respeito-lhe a crôa
Nem pòupo sua batina.

6042



AVISO



Leandro Gomes de Barros, avisa
que está morando em Areias, Recife, e
que remtterà pelo correio todos os fo-
lhetos de suas producções.

Derijam pedidos para Estação de
Areias. — Recife.

